

Villas & Golfe®

Europe Edition

Entrevistas

MARIA DE BELÉM ROSEIRA

Deputada do Partido Socialista

RUI MASSENA

Maestro, Compositor

Líderes no Feminino

PAULA TEIXEIRA DA CRUZ

Ministra da Justiça

MARIA DA GLÓRIA GARCIA

Reitora da Univ. Católica Portuguesa

ASSUNÇÃO CRISTAS

Ministra da Agricultura e do Mar

GUTA MOURA GUEDES

Presidente da experimentadesign

ISABEL FERREIRA

CEO do Banco Best

MÓNICA SANTIAGO

Presidente PWN Lisbon

RUI MASSENA

«Preciso de me estar sempre a pôr à prova»
«I need to always be putting myself to the test»

TEXTO TEXT CAROLINA XAVIER E SOUSA \ FOTOGRAFIA PHOTOGRAPHY MANUEL TEIXEIRA [HOTEL DA MÚSICA]

O seu talento musical, a sua inquietude e o prazer que retira em estar em contacto com outras pessoas têm dado um lugar de destaque a Rui Massena no panorama cultural mundial. Nasceu no Porto, onde hoje vive, tendo passado já por Lisboa, pela Madeira e por Guimarães – onde liderou a programação musical para a Capital Europeia da Cultura 2012 – e por muitas outras paragens que o levaram já a dirigir mais de 30 orquestras além-fronteiras. Sem batuta, mas com a descontração que o caracteriza, o maestro abriu o seu coração antes de se sentar ao piano para tocar *Dia D*, single que marca o seu «desembarque» enquanto compositor e que integra o álbum *Solo*, que dará a conhecer na íntegra em janeiro de 2015.

His musical talent, his restlessness and the pleasure he takes from being in contact with other people have ensured Rui Massena a prominent position in the international cultural scene. He was born in Oporto, where he lives today, having lived in Lisbon, Madeira and Guimarães – where he was head of the music programme for the city's year as the European Capital of Culture in 2012 – and in many other places where he has already conducted more than 30 foreign orchestras. Without his baton, but with the relaxed attitude that characterises him, the conductor opened his heart before sitting down at the piano to play *Dia D* [*D Day*], the single that marks his «landing» as a composer and which appears on the album *Solo*, which he will reveal in full in January, 2015.





Como começa a sua relação com a música?

Começa aos seis anos quando os meus pais me puseram a estudar piano com o compositor César de Moraes na casa dele, por sugestão da minha educadora. Depois fui para a Academia de Música de Vilar do Paraíso e fiz o estudo através do Gosto pela Música, uma escola onde as pessoas construíam amizades com a música como ponto comum. Portanto, desenvolvo o meu gosto pela música em paralelo com o meu gosto pelas pessoas e de fazer música em conjunto. Acho que é esse gosto que me leva à direção de orquestra, uma formação que redimensionou em mim o lugar das pessoas e o lugar da música. A minha vida gravita muito à volta de gostar de tocar nas pessoas e de gostar que as pessoas me toquem; tenho uma relação quase de intimidade com aqueles com quem faço música.

Que tipo de maestro se considera?

Tenho uma escola francesa de rigor; sou bastante rigoroso na abordagem ao texto. Sou também bastante respeitador, ou seja, enquanto intérprete acho que estou a servir o compositor. Enquanto gestor de recursos humanos, sou um bocadinho disciplinador, gosto de um ambiente de trabalho muito limpo e isso às vezes é entendido como autoridade. Mas acho que a autoridade é criar-se um ambiente de trabalho em que seja possível fazer música e, para isso, também é preciso silêncio. A música começa do silêncio e o ambiente de trabalho também tem de começar no silêncio.

Que compositores ou músicos destacaria entre os seus preferidos?

No âmbito da música mais sinfónica, Stravinsky pela questão rítmica, Mozart pela conjugação harmoniosa de tudo, Wagner pela capacidade que tem de nos levar com ele. Gosto também muito do Ravel, porque representa o início do século XX em Paris. Há também compositores de um universo clássico mais contemporâneo, ligado à minha atividade atual, de que gosto muito: Nils Frahm, Ludovico Einaudi, Rodrigo Leão, Yann Tiersen, Hiromi...

Dia D marca a sua estreia enquanto compositor. Inspira-se na efeméride do desembarque das tropas aliadas na Normandia. É um tributo seu à liberdade?

É uma bela forma de o pôr. Este desembarque é sobretudo uma metáfora pessoal: de que eu estive em «guerra» comigo durante muitos anos para poder acreditar que podia compor, porque fui educado toda a vida para ser um

How did your relationship with music begin?

It began at the age of six when my parents organised piano lessons for me with composer César de Moraes in his house, at the suggestion of my teacher. Then I went to the Vilar do Paraíso Music Academy and studied through Gosto pela Música, a school where people made friendships with music as common ground. Therefore, I developed my liking for music in parallel with my liking for people and for making music together. I think that it is that liking that led me to conducting orchestras, a training that reshaped the place of people and the place of music in me. My life revolves a great deal around liking to touch people and liking people to touch me; I have a very close relationship with anyone I make music with.

What kind of conductor to see yourself as?

I am strict French school; I am very strict in the approach to the text. I am also very respectful, that is to say, as a performer I think that I am serving the composer. As a manager of human resources, I am a bit disciplinary, I like a very clean working environment and this is sometimes understood as authority. But I think that authority is creating a work environment in which you can make music and to this end, silence is also necessary. Music begins from silence and the work environment also has to start in silence.

What composers or musicians would you highlight among your favourites?

In terms of more symphonic music, Stravinsky for rhythmic matters, Mozart for the harmonious combination of everything, Wagner for the ability he has to take us with him. I also really like Ravel, because he represents the start of the 20th century in Paris. There are also composers from a more contemporary classical universe, connected to my current work, who I very much like: Nils Frahm, Ludovico Einaudi, Rodrigo Leão, Yann Tiersen, Hiromi...

Dia D [D Day] marks your debut as a composer. It is inspired by the fleetingness of the landing of the allied troops in Normandy. Is it your tribute to freedom?

That's a nice way of putting it. This landing is a personal metaphor, more than anything else: that I was at «war» with myself for many years to be able to believe that I could compose, because I have been educated throughout my life to be a good performer. Maybe I didn't believe in myself because I knew such great works. Fortunately, at the end

«Desenvolvo o meu gosto pela música em paralelo com o meu gosto pelas pessoas» \\ «I developed my liking for music in parallel with my liking for people»



bom intérprete. Talvez por ter conhecido obras tão grandes, acho que me fui apagando. Felizmente, no final de 2013, senti-me com a confiança necessária para dar este passo. Aos 40 anos permiti-me abraçar o meu mundo e dar-lhe dimensão. É preciso fazer coisas disruptivas para nos obrigar a sair da nossa zona de conforto! Em janeiro lanço o meu primeiro álbum, *Solo*, constituído por 15 canções ao piano. Estou ansioso por poder tocá-lo e estar em contacto com as pessoas. Enquanto maestro, tenho vivido de costas para o público nestes últimos anos e sinto falta do contacto *face to face*.

Como analisa a relação dos portugueses com a música?

É boa. Temos uma disponibilidade artística muito grande. No entanto, falta o outro lado, que é a concretização de um mercado que deixe sonhar. Portugal precisa de coisas estruturantes, que nos deem caminho, a nós artistas e a toda a gente. Fazer com que um gesto criativo estruture uma relação para fazê-la crescer e ter um país com um mercado em que as pessoas possam viver disso. A cultura de um país é a sua identidade, não são as suas finanças. Apesar das finanças terem influência em tudo, não podemos inverter as prioridades.

of 2013, I felt confident enough to make this step. At the age of 40 I allowed myself to embrace my world and give it dimension. You have to be disruptive to force yourself to leave your comfort zone! In January I am releasing my first album, *Solo*, made up of 15 piano tracks. I am looking forward to being able to play it and to being in contact with people. As a composer, I have lived with my back to the audience in recent years and I miss face to face contact.

How would you analyse the relationship the Portuguese have with music?

It is a good one. We have a very great artistic readiness. However, the other side is missing, that of the realisation of a market that enables dreams. Portugal needs structural support, giving us a way, us artists and everyone. Making it possible for a creative gesture to structure a relationship, to make it grow and have a country with a market in which people can live from this. The culture of a country is its identity, not its finances. Despite finances having an influence on everything, we cannot reverse priorities.

«É preciso fazer coisas disruptivas para nos obrigar a sair da nossa zona de conforto» \ \ «You have to be disruptive to force yourself to leave your comfort zone»

Gosta de quebrar regras?

Ao contrário do que possam pensar, sou uma pessoa bastante conservadora. No entanto, sou inquieto. Portanto, o que me faz quebrar as regras é precisar de conhecer outras coisas, de me estar sempre a pôr à prova. Para eu me sentir, para eu ter existência, preciso de fazer coisas novas, e gosto de ir à procura de coisas diferentes. Gosto de mostrar que a orquestra está para o compositor como a paleta de cores está para o pintor.

Do you like to break rules?

Unlike what you may think, I am a very conservative person. However, I am restless. Therefore, what makes me break rules is the need to know other things, to always be putting myself to the test. For me to feel, for me to have an existence, I need to do new things, and I like to be on the lookout for different things. I like to show that the orchestra for the composer is like the palette of colours is for a painter.

Tem integrado projetos variados como as «Viagens de Autor» da Pinto Lopes Viagens. Além da viagem a Paris em janeiro, que outros planos tem em vista?

Estas viagens de autor são muito interessantes e dão-me muito prazer, porque viajo, troco impressões, dou-me a conhecer e também conheço pessoas. Vou a Paris em janeiro, mês em que também dou início à minha participação no programa de televisão *Portugal Got Talent*. Com o disco que vou apresentar em janeiro, espero tocar o mais possível dentro e fora de Portugal para cumprir o objetivo de me expressar.

«A cultura de um país é a sua identidade, não são as suas finanças» \ \ «The culture of a country is its identity, not its finances»

You have been involved in many projects, such as «Viagens de Autor» [Speciality trips hosted by artists] by Pinto Lopes Viagens travel agency. Besides the trip to Paris in January, what other plans do you have in mind?

These special trips are very interesting and give me a great deal of pleasure, because I travel, I exchange impressions, people get to know me and I get to know them. I am going to Paris in January, the same month in which I start work on the television programme *Got Talent Portugal*. With the record I am going to release in January, I hope to play as much as I can inside and outside Portugal to achieve my goal of expressing myself.